

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editoria "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado.	Anno	Fr.	14 »
	Semestre	—	7.50
	Numero avulso	—	0.30

SUMMARIO :

A entrevista com S. M. El-Rei.

Um Poeta adestrado. " Steeple-chase " diplomatico do snr. Junqueiro com o seu collega Eusebio.

Gomes Leal e Guerra Junqueiro. Como se distinguem entre si o auctor das " Claridades do Sul " e o ministro plenipotenciario de Silva dos correios. O snr. P. Osorio, homem de maus-olhados.

RODUZIRAM, como era d'esperar, a mais profunda impressão no espirito publico as desenvolvidas e nobres declarações de S. M. El-Rei, insertas nos tres ultimos numeros da CHRONICA DO EXILIO.

No momento angustioso que atravessa a nacionalidade portugueza, as palavras do seu Soberano, — tão cheias d'auctoridade e de bom-senso, reveladoras d'uma grandeza d'animo e d'uma providencia politica, que são dos mais notaveis predicados do Senhor D. Manuel, e promissoras d'uma era d'ordem e d'apaziguamento, que constitue ao mesmo tempo uma das mais intimas aspirações e das mais urgentes necessidades de paiz — não podiam deixar de ser por este acolhidas com enternecida sympathia e com uma adhesão que só aguarda oportunidade para se patentear ineluctavelmente. Uma vez mais o sentimento e a vontade da Nação e do Rei se encontraram conformes entre si.

Por outro lado, a viril e entusiastica confiança de S. M. no triumpho da causa monarchica, como unica possibilidade de resurgimento patrio — confiança tão eloquentemente testemunhada em todo o decurso d'aquella significativa entrevista — veio constituir

para todos os monarchicos, e o mesmo é dizer para todos os bons portuguezes, um novo motivo d'esperança e um novo estímulo de resistencia e de lucta : e nem d'outro viatico o paiz carece para sacudir os inimigos que não expoliam e opprimem senão na medida do desalento e da resignada submissão com que elle vae supportando as suas truculentas e audaciosas provocações.

O alto interesse que apresentam as palavras de S. M. impõe-nos o dever de as glosarmos aqui com a necessaria amplitude. Como porém vamos publicar sem demora uma outra importante entrevista, que lográmos obter de personalidade eminente e que é por assim dizer um complemento do que S. M. El-Rei se dignou conceder-nos, reservamo-nos para em seguida fazer incidir as nossas reflexões sobre o conjuncto d'esses dois sensacionaes documentos.



Um Poeta Na minha meninice conheci um passaro **adestrado** que não era o Melro, sedento de Liberdade, cujo captivo arrancou á sensibilidade hyperaguda do snr. ministro do Rodrigo Rodrigues em Berne algumas das mais tonitroantes estrophes da sua phase (se bem a entendo) huguelinesca : — estrophes atiradas, afinal, menos ao rosto do Obscurantismo, que ellas pretendiam fulminar na personagem gravemente symbolica d'um abbade amante d'arroz guisado, do que ás fauces hiantes de toda uma turba de *juriosos dramaticos*, que [ainda ahi vão encontrar a fonte de mais despedaçadoras emoções, nas grandes noites d'arte de Sobral de Mont' Agraço.

O que eu conheci era um milhano, que morava n'uma capoeira — degradado corsario dos ares, contido por uma rêde d'arame e algumas táboas de pinho ao fundo d'um reducto d'altas paredes salitrosas, e parecendo entender-se á maravilha com a meia-duzia de gossmentos gallinaceos que o acamaradavam na humida obscuridade d'aquelle desvão.

Dizia-se que fôra tombar ali no pateo um bello dia, desplumado e exausto, pondo-se a pinchar sobre o lagedo em grandes pulos desageitados. A garotada da casa accorreu então, n'uma gaitaria, deitou-lhe a unha, aparou-lhe as remiges, e acabou por encafual-o com a creação domestica n'aquella especie de buraco sombrio.

Nós os rapazes iam os ranchos atirar-lhe cascas de noz, caroços de cereja, ou bradar-lhe atravez da vedação :

— Eh ! milhano ! Eh ! milhano ! Larga as tripas...

O lastimoso spectaculo d'aquelle envilecimento, a ave de presa arraçoada com as gallinhas e passando a vida a disputar-lhes bicada a bicada um grão de milho, um talo de couve ou alguns restos da comida dos donos, despertava confusamente nos nossos espiritos infantis uma multidão de sentimentos contradictorios, feitos de colera, de commiserção, de repugnancia. E o diabrete do milhano, havia de dizer-se que nos entendia !...

De vez em quando, viam-se passar muito acima grandes aves alterosas, fendendo serenamente os ares com o seu vôo lento, de que cada remada parecia um gesto augusto. O milhano, então, ficava-se a miral-as por todo o tempo que lh'o o consentia a estreiteza do farrapo de céu encaixilhado nas travessas da sua gaiola. Fitava-nos depois, com os olhos muito luzidios, e formando nas commissuras do recurvo bico um rictus, que era uma coisa inclassificavel entre o sorriso e o chôro. Só lhe faltava falar, para nos dizer :

« E' certo, rapazes, é certo... Talvez vocês tenham razão. Mas que remedio tenho eu senão tratar da *subsistencia?*... »

E agitando vertiginosamente os côtos d'azas abatiasse sobre algum aranhão, que se aventurára a correr pela terra empapada do recinto.

Porque será que não posso agora recordar a existencia tristissima d'este frustrado passaroco, sem que me lembre immediatamente o snr. Guerra Junqueiro?

Ainda esse parallelo me voltou obstinadamente ao

espírito um d'estes dias, ao lêr no DIARIO DE NOTICIAS esta cynica baboseira, que Eusebio Leão não desdenharia subscrever, mas que foi debitada pelo seu collega o poeta dos SIMPLES, ao correspondente parisiense d'aquella impagavel gazeta de Lisboa :

« — *E que novas politicas nos traz do nosso Portugal?*

« — *Tudo corre ás mil maravilhas. O povo está satisfeito, o governo tem o applauso dos que amam sinceramente a sua terra, a riqueza publica augmenta, a pacificação geral, desejo unanime de progredir : uma patria feliz.*

Ouviu o snr. Junqueiro dizer, como o pobre pateta por quem a Republica se faz representar na terra de Machiavel, que a diplomacia é uma arte de disfarces subtis e d'amaveis embustes, da qual parece ser um canon o conhecido paradoxo de que a palavra foi dada ao homem para encobrir os seus pensamentos ; e logo um e outro — atirados inopinadamente dos colloquios instructivos com o snr. camiseiro Steffanina e dos fecundos ocios de Barca d'Alva, passados a chocar com igual fervor pulgas e pensamentos sublimes — para os mais ou menos metaphoricos *salões das embaixadas*, desandaram a mentirolar como creadas de servir, no fundo um pouco surprehendidos de que a diplomacia lhes tenha afinal sahido coisa tão facil, ou elles tão maravilhosa e occultamente se encontrassem dotados para a exercer...

No tocante ao engoiado medicastro que está em Roma, o caso não merece, evidentemente, reparo de maior ; o snr. Eusebio não é senão um, como outro qualquer, da alcateia de pelintras que o regimen desatremou sobre a maior parte das legações portuguezas, e não lhe pesam sobre os hombros maiores responsabilidades do que as d'aquelle exhuberante cidadão de Tuy, que estipendiado com varios conterraneos por um comediante de quinta ordem, para ir sublinhar com algumas suggestionantes gargalhadas certas passagens do seu minuscuro papel, entrou n'um estado d'hilaridade tão estrepitosamente manifestada, desde o primeiro momento em que lobrigou o patrão a des-

pontar nos bastidores, que não havia mais maneira d'ouvir palavra, nem já de conter a irritação do publico ; isto a despeito dos freneticos esforços d'um dos amigos do comico, que sentado por traz do indiscreto servidor, lhe estava desesperadamente puxando as abas da samarra. Quanto mais elle puxava, mais o zeloso gallego desengonçava as mandibulas, tomando por incitamento o afflictivo sanfonar do seu fiscal ; até que não podendo mais, se voltou para elle acceso em furia, e lhe bradou na sua voz de estentor :

— Eh, c'um raio ! Boxê parece que num xtá contente enquanto me num bir gomitara os tristes grabaxos que pagou !...

No snr. Junqueiro porém a questão reveste-se d'um interesse psychologico e mais especialmente moral, que não me parece despropositado considerar.

Se ha uma pessoa que, ante o quadro pungente e desolador da vida nacional n'este momento, devesse carpir mais do que outras os infortunios de Portugal e fulminar com um verbo allucinado a vil canalha que se dispõe a inscrever no cume d'um calvario d'amarguras o fatal *Finis Patriae*, essa pessoa seria o snr. Junqueiro, dado que o instincto d'uma sordida avareza que lhe sobrecarrega a alma como triste herança ancestral, lhe permittisse sacrificar á sua coherencia e á grandeza da missão espiritual que elle poderia pretender desempenhar no paiz, a miseravel esportula em troco da qual a frandulagem do regimen alcançou licença de lhe dar contra-vapor á inspiração.

Porque, ao referir-me assim a uma obrigação moral do snr. Guerra Junqueiro, não alludo, evidentemente, aos seus deveres de gratidão como fornecedor, á casa de Bragança, d'antiguidades mais ou menos contemporaneas, do que reza a chronica. Essas contas já as liquidou como costumam fazel-o, no que toca a dividas de reconhecimento, os traficantes da sua raça : — cobrindo de chascos e improperios, na vida e na morte, o regio freguez ludibriado, sem ao menos consentir em abater no rol dos *adeantamentos*, que tanto lhe excitam o furor hebraico, a verba que possa ter sido destinada

a pagar os seus esfregões persas e os seus vasos de noite, circumstancialmente convertidos em elmos romanos.

Mas é que na complexa personalidade do snr. Guerra Junqueiro não existe apenas um caricatural Shylock de ferros-velhos. Ha tambem o poeta — o poeta das trovas grandiloquas á Liberdade ; o poeta dos SIMPLES, cuja sensibilidade vibrava no enlevo subtil da calma vida rural ; o assanhado cantor da PATRIA, mediocre poema que só poderia impô-se até certo ponto ao respeito publico, se fôsse a sincera manifestação d'um patriotismo exaltado e quasi morbido, servido por uma visão erronea das origens do mal em que se debatia a grei.

Pois este vatê, que complacentemente se considera elle mesmo o primeiro e se julga digno d'assumir a quasi religiosa missão d'um bardo nacional, regressa d'esse desventurado paiz, onde lhe foi dado presenciar os espectaculos d'agonias e de dôr que mais poderiam alancear-lhe o coração, se o snr. Junqueiro não tivesse no logar de tal viscera um dos trinta dinheiros biblicos, e incender n'ella o estro do poeta patriotico, se o apagador d'essa flamma sublime não se encontrasse muito prosaicamente nas mãos do thesoureiro do ministerio das Finanças.

Elle viu um povo inteiro curvado sob o jugo d'uma tyrannia que tem tanto d'odiosa pela sua violencia e pela sua perversidade, como de despresivel pela sua inepecia e pelo grotesco da mariolagem que a exerce. Viu esta coisa inédita e macabra : Calino e Falstaff encarrapitados n'um throno, e fazendo sobre uma nação experiencias de despotismo simultaneamente o mais estúpido, o mais cruel e o mais irrisorio. Viu — esse intellectual — ministros os Silvas e os Rodrigues, os deputados Popes, o Nunes da Matta senador, o Estevão de Vasconcellos jornalista governamental ; tudo isto constituindo as *camadas dirigentes*, por debaixo das quaes seis milhões d'almas gemem a sua miseria e o seu desespero.

Viu atulhadas de milhares de presos as cadeias, em

cujo lobrego seio se desenrolam as scenas de tortura que podem ter sido inventadas por uma malta de netos d'inquisidores, degenerados em fadistas de viella ; viu nos lares a pobreza substituir-se á abastança, e a indigencia á simples mediania ; viu as andrajosas e tragicas multidões dos que venderam a ultima camisa para poderem assegurar-se o direito d'ir estoirar de fome em paizes ao menos estrangeiros e por isso menos inhospitos do que a terra malfadada em que nasceram ; viu a engrenagem implacavel do fisco, propellida pelo mais impudico dos flibusteiros, para quem o poder não é senão uma encruzilhada, triturar fibra por fibra o miserrimo contribuinte, para que nem uma gota do seu sangue deixe d'ir escoar-se pelas gorjas da matilha, cujs ladridos de satisfação constituem o côro honorifico dos triumphadores que lhe atiram estes restos... depois de se terem elles proprios empanturiado com o melhor. Viu, emfim, que nem a propria terra de que elle exaltou os encantos rudes escapa á lei tremenda segundo a qual as coizas, como os homens, tudo tem que soffrer a angustia inenarravel d'está hora sombria ; pois dos prados e montes que correu e cantou no « bom tempo d'outr'ora », quantos não são hoje agrestes maninhos, por onde o lavrador atirado para a masmorra ou para a emigração longinqua, ja não leva a sua charrua, nem passa d'enxada ao hombro elevando a Deus uma oração de graças?...

De tudo isto o poeta sem estipendio faria talvez um poema incendiario. O poeta assalariado, porem, fez prosa. E como Estevão de Vasconcellos ou França Borges nos seus canudos, como o ultimo dos *reporters* ou o mais servil dos pretendentes da Arcada rabiscando nas gazetas do regimen, a visão tremenda d'uma Patria em descabro deu-lhe esta sublime pachochada : « — Tudo corre ás mil maravilhas. O povo está satisfeito, o governo tem o applauso dos que amam sinceramente a sua terra, a riqueza publica augmenta, pacificação geral, desejo unanime de progredir : « *uma patria feliz !...* »

E' que actualmente — como em outro tempo os

abbades das suas estrophes revolucionarias — as dôres, as angustias, as ancias de Liberdade, os gritos de pena, os desesperos dos que asphyxiam e estertorisam nos carcerees do mais ignobil despotismo — tudo isso o come o snr. Junqueiro com arroz na legação de Berne. E cantar é bom... mas aferrolhar é melhor.



E todavia, como é preciso, para tal degradação, que este homem se tenha tornado insensivel a todos os estimulos immateriaes, mesmo aos da propria vaidade — que n'elle todavia toca, segundo é sabido, os extremos limites do ridiculo !...

Porque o snr. Guerra Junqueiro olha em torno de si e não encontra a seu lado, envilecendo a penna ao serviço do regimen dos Rodrigues, dos Djalmes, dos Nunes da Matta, dos Faustinos e emfim de toda a récu a quem elle burocraticamente obedece, nenhuma das grandes figuras intellectuaes do seu tempo.

Já lá vão muitos, por certo, dos da pleiade litteraria em que o snr. Junqueiro conviveu ou d'aquelles que pela mesma epoca honraram a mentalidade portugueza.

Oliveira Martins é morto, Eça é morto, mas a grandeza d'espírito e a soberba dignidade intellectual de qualquer d'elles bastariam para nos assegurar da sua attitudo em face de tal Republica, se vivos fôsem, mesmo quando o primeiro não tivesse definido, como definiu, a sua posição dentro da Monarchia, e quando o segundo não nos tivesse legado, como legou, uma genial prophecia sobre a vida e feitos d'esta cambada no poder. Fialho morreu depois de lhe ter marcado todo o seu desprezo e toda a sua repulsão, em algumas causticantes paginas d'uma critica que não poude levar a cabo, porque o ameaçou com o exilio — ao altissimo artista! — o boneco desarticulado do Conselheiro Bernardino, o auctor das inolvidaveis *Notas d'um Pae*, que, esse sim, presta ao snr. Guerra Jun-

queiro a inteira e devotada solidariedade do seu desopulantissimo espirito...

E dos vivos, onde estão os oradores, onde estão os prosadores, onde estão os poetas da geração ou da amizade do snr. Junqueiro? Onde estão Antonio Candido e Luiz de Magalhães, onde o egregio Ramalho, cuja gloria litteraria só se mede pela austeridade inquebrantavel do seu grande character, e uma e outra pela velleza da Republica e dos republicanos a seu respeito? Onde está Gomes Leal?

Gomes Leal... Reparemos n'este.

E' notoria a rancorosa emulação que concebeu, desde sempre, contra Gomes Leal, o actual embaixador do Silva dos correios.

Essa emulação, no fundo, não tinha razão de ser, pois a todos é manifesto que entre o snr. Junqueiro e o auctor das CLARIDADES DO SUL ha a differença apreciavel que vae d'um excellente poeta a um poeta de genio.

Depois que o snr. Guerra Junqueiro, — tendo desistido dos plagiatos e das deploraveis apropriações da obra alheia, que assignalaram pouco auspiciosamente os inicios da sua carreira litteraria — se quiz fazer um poeta demolidor, a sua musa deu-lhe coisas como a VELHICE DO PADRE ETERNO, onde a resonancia do verbo não póde, evidentemente, disfarçar a pobreza da inspiração, a carencia d'originalidade, a chateza banal da philosophia — se este termo não se offende de ser chamado a designar umas graçolas de gazetilha que na sua maior parte, como as do annuncio das reliquias e outras taes, já muito antes de o snr. Junqueiro as pôr em rimas haviam feito as delicias de todas as lojas de barbeiro livre-pensador, por essas cidades e villas da provincia.

Quando o snr. Guerra Junqueiro pretende representar a Reacção e os seus horrores, tal como o espirito revolucionario se compraz em os sonhar, a sua imaginação não lhe dá, como já de passagem se notou, senão este rachitico e pobre symbolismo d'um abbade que

come melros guisados com arroz, o que de resto não está provado seja um facto absolutamente odioso, nem que constitua um attentado dos mais frisantes contra as leis da Liberdade e do Progresso — podendo quando muito accender o estro e arrancar gemidos á lyra d'um vate vegetariano.

Quando o snr. Junqueiro quiz fazer o seu poema sobre o *D. Juan*, não logrou vêr na figura em que bulia mais do que uma especie de *municipal* dos bons tempos, impiedoso conquistador de sopeiras para o *mau fim*, nem dar-lhe outras proporções senão as de um *desavergenhado de mau porte*, tal como póde concebel-o a imaginação assustada e estreita d'uma boa mãe-defamilia das nossas classes burguezas. O symbolismo profundo e complexo que a lenda encerra escapou-lhe, e era todavia ahi que o poeta poderia patentear e exercitar o seu genio, se o possuísse.

Não tem este acanhamento a inspiração de Gomes Leal, nem aquella mesquinhez as figuras com que elle joga como quem agita gigantes. Mas seja como fôr, se elle algum dia tomou a serio a rivalidade do snr. Junqueiro, eil-o desforçado !

Por certo, enquanto o poeta dos SIMPLES se encontra em Berne ás ordens de todo o idiota arvorado em ministro dos estrangeiros da Republica alfacinha, e se engorgita com o que um regimen de latrocinio arranca á ultima miseria da viuva e do orphão — uma subscrição corre os jornaes portuguezes em beneficio de Gomes Leal.

Portanto no snr. Junqueiro a materia — aquillo que os poetas desdenhosamente chamam *a besta* — está mais bem servida.

Mas essa coisa sagrada e, nos poetas, duas vezes immortal, que é o espirito, teve Gomes Leal a dignidade de a conservar livre para que possa ascender áquellas elevadas esferas onde entra em communhão com o Ideal, ao passo que o snr. Junqueiro a circumscrevia dentro do chiqueiro onde chafurda a sordida politica do que o Estevão de Vasconcellos é um sym-

bolo, o delator José de Padua outro, e órgão litterario-jornalístico... o MUNDO.

Emquanto Gomes Leal canta, o snr. Junqueiro... *atromba*.

E não seria preciso mais para julgar *a priori* da obra dos dois, porque — ou bem poeta, ou bem velhaco.



Um O acesso anti-iberico de que o
“ *callixto* ” meu semi-correligionario snr. Paulo Osorio acaba de ser accomettido é de molde a lançar o espirito dos bons portuguezes nas mais serias apprehensões sobre os destinos da nação.

Porque o snr. Paulo Osorio é decididamente uma pessoa de mau olhar. Poz o distincto escriptor os seus prestimos ao serviço do progressismo, e não foi preciso mais para que subisse ao poder o partido regenerador. Preparava-se provavelmente o fatidico jornalista para começar a achar profundamente patriótica a obra da regeneração, quando ao cabo de cincoenta e oito dias as suas ideias politicas fôram grandemente perturbadas pelo acesso, ao governo, do partido regenerador-liberal.

Pensando melhor, as sinceras intenções do franquismo commoveram tão intimamente a consciencia politica do snr. Paulo Osorio, que o insatisfeito escriptor deitou ás malvas o rotativismo, e deu ao snr. João Franco e aos seus amigos a mais calorosa adhesão da sua penna... Com o que o franquismo se foi abaixo, restituindo o snr. Paulo Osorio, pouco depois, a sua sincera confiança politica ao progressismo, então representado no ministerio d'acalmação.

Mas a acalmação não poudo com tal contrapeso e acabou, deixando na mais cruel incerteza o espirito do snr. Paulo Osorio, que se fixou finalmente no teixeirismo quando o snr. Teixeira de Sousa empunhou as redeas do governo.

E não foi preciso mais para que caísse o teixeirismo e se implantasse a Republica.

D'esta vez o snr. Paulo Osorio decidiu agarrar-se, por um expediente engenhoso, a ambas as amarras, adherindo á Republica por intermedio do SECULO, como Paulo Osorio propriamente dito, e escrevendo ao sabor monarchico para o DIA, sob o discreto disfarce de *João Fradique*.

Isto me parece querer dizer que, monarchicos e republicanos, estão todos *engallinhados*, podendo o furor anti-hispanico do snr. P. Osorio ser prenuncio de deploraveis coisas nos destinos portuguezes.

Deploraveis, é claro, para o paiz.

Para o snr. Paulo Osorio tudo se resolveria afinal em bem, pois chegada a occasião o complexo jornalista seria *João Fradique*, azul e branco, para um jornal monarchico, *João Fraternal*, vermelho e verde, para um jornal republicano, e D. Pablo Osorio, *tout court*, para a gazeta castelhana que lhe remunerasse os haustos ibericos.

ANNIBAL SOARES.

NOTA

Na nossa entrevista com S. M. El-Rei, a paginas 10 do fasciulo nº. 16, um salto de composição fez sair incompleta uma passagem, que aqui reproduzimos como se deve lêr :

« Eu conseguira realmente constituir um nucleo d'estudiosos, uns politicos, outros totalmente alheios á politica, mas todos assinalados pelo seu saber, pela sua competencia technica e pela sua devotação ao bem publico — o Conde de Penha Garcia, D. Luiz de Castro, D. Antonio de Lencastre, o dr. Adolpho Coelho, Alfredo Monteverde, João Perestrello e varios outros, a quem o paiz », etc.

A. S.